
A Intersecção Possível entre Educomunicação e Educação Musical: O Estado da Arte na Revista Comunicação & Educação¹

Eduardo Assad Sahão²
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Resumo

A profícua relação entre Comunicação e Educação pode ser fundamento para diversas áreas que promovam a interdisciplinaridade. Esta pesquisa tem por objetivo identificar e analisar a relação entre um dos frutos desta interrelação, a Educomunicação, junto à Educação Musical, nos artigos científicos da revista Comunicação & Educação, a fim de conceber o estado da arte da intersecção destas duas áreas. Foram selecionados 389 textos, em vinte e três edições, dos últimos dez anos da publicação (2009-2019). A partir de uma revisão bibliográfica de uma das maiores revistas do tema no país, almeja-se refletir sobre a Práxis Educomunicativa no ensino-aprendizagem de música nos contextos formais e informais e sua presença em publicações da área. Resultando assim, na possibilidade dialógica de três pilares, a Música, a Comunicação e a Educação.

Palavras-chave: Educomunicação; Educação Musical; Comunicação & Educação.

1. Introdução

Com o profícuo desenvolvimento dos estudos da Educomunicação, a presença do termo e de elementos de sua epistemologia é cada vez mais presente em dissertações de mestrado, teses de doutorado e pesquisas que envolvem a interrelação com outros temas, como meio ambiente, direitos humanos, cinema, entre outros. A possibilidade da intersecção entre a prática educomunicativa e outras áreas do conhecimento expande progressivamente, tornando-se não só um importante meio de compreensão acerca da realidade das práticas sociais que estuda, mas estimulando uma práxis a favor de uma gestão participativa dos envolvidos.

Neste caso, uma das áreas possíveis para a interrelação com a Educomunicação é a Educação Musical. Fato esse que pode ser embasado pela pluralidade e riqueza do conteúdo musical, seu papel no desenvolvimento pessoal e social, a favor da diminuição de desigualdade e compreensão sensível acerca do mundo. Porém, mesmo que haja uma

¹ Trabalho apresentado no GP 16 – Interfaces Comunicacionais: Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do programa de pós-graduação em Música da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Norte do Paraná (Unopar) e Licenciado em Música pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: eduardoasahao@gmail.com

diversidade considerável de metodologias para o ensino-aprendizagem de música, a maioria das que são aplicadas em conservatórios e escolas não compartilham fatores que consideramos imprescindíveis na contemporaneidade. São eles: a integração com as novas tecnologias, a transdisciplinaridade entre as plataformas de comunicação pelas quais o estudante recebe a música e sua presença na sociedade, a criticidade no que diz respeito à função da música no âmbito social e, conseqüentemente, seu papel no desenvolvimento da cidadania.

Especificamente no Brasil, a realidade da Educação Musical em si está aquém do ideal, tendo em vista sua presença inexpressiva na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)³ no caso do ensino formal nas escolas. No âmbito do ensino informal, a escassez de projetos de incentivo, privados e governamentais, que fomentam a prática artística e cultural também são constantemente reduzidos à medida que o país encara crises econômicas e políticas.

Diante tal panorama, este artigo nasce a partir da disciplina “Educomunicação: fundamentos, metodologias e áreas de intervenção”, da qual participamos no Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Núcleo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA-USP). O conteúdo, ministrado pelos professores doutores Ismar Soares, Marciel Consani e Claudemir Viana, teve relação direta com as diferentes possibilidades da prática educacional, suas bases epistemológicas, a histórica emergência do campo de conhecimento e suas possíveis relações com outras áreas.

Durante as aulas pude entender e refletir sobre a *Práxis Educomunicação* e estabelecer diálogos com a educação musical contemporânea, minha área de atuação como pesquisador e profissional. Segundo o pesquisador Ismar Soares:

A expressão “Práxis Educomunicação” não designa um encontro genérico entre Comunicação e Educação, mas corresponde a uma ação intencional, gestada coletivamente, e que, ao transcender a racionalidade da interdisciplinaridade (quando as ações dependem da luta de forças no interior do processo de confluência/confronto entre campos em ação, a título de tese e antítese), gera um novo fluxo

³ Na BNCC, a unidade temática “Música” está inserida no componente “Arte”, que compõe a área de conhecimento “Linguagens”. Divide junto ao componente “Arte”, além da “Música”, “Artes integradas”, “Artes Visuais”, “Teatro” e “Dança”.

substancial de conceitos e práticas, de caráter transdisciplinar (quando elementos constitutivos dos campos em confronto se articulam em uma nova unidade conceitual autônoma, “de interface”, passando a produzir significados próprios, a título de síntese). (SOARES. 2017, p.45)

A partir da necessidade de integração das duas áreas, alguns questionamentos são suscitados: Qual o estado da arte de pesquisas e projetos que relacionam Educação Musical e Educomunicação no Brasil? Existem práticas educacionais que integrem a educação musical nos contextos de ensino formal e não-formal? Existe uma presença significativa de pesquisas relacionadas às práticas de Educação Musical em periódicos de Educomunicação? Por que é sugestivo integrar a práxis educativa às metodologias de ensino-aprendizagem de música?

Para responder a algumas dessas questões, este artigo visa analisar bibliograficamente a presença da música, nos últimos dez anos (2009-2019), na revista científica *Comunicação & Educação*⁴ e refletir sobre a intersecção destas duas áreas, presentes nas indagações acima.

2. Metodologia

Para que haja uma compreensão acerca da presença da relação Educação Musical e Educomunicação em trabalhos acadêmicos, o periódico escolhido foi a revista *Comunicação & Educação*, que é editada no Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Fundada em 1994, conta com publicações semestrais, que, até o ano de 2010, eram quadrimestrais. Tal periodicidade foi relevante na escolha justamente pela atualização constante de assuntos emergentes que relacionem Comunicação, Educação e Cultura. A revista enquadra-se como a publicação de maior relevância do país no que concerne a interrelação das áreas de Comunicação e Educação. Segundo a política editorial presente no site oficial do departamento, a revista possui como missão:

[...] o desenvolvimento de um conhecimento crítico, capaz de evidenciar que: os meios de comunicação estão presentes no cotidiano das pessoas e nelas introjetados, de tal modo que, onde houver seres humanos, os meios estarão presentes. A partir dessa premissa, a revista *Comunicação & Educação* tem

⁴ Detalhes sobre a revista estão presentes no tópico **2. Metodologia**.

compromisso em difundir conteúdos que permitam ao comunicador, ao educador e ao educador conhecer e utilizar os meios, com vistas à consecução de objetivos do desenvolvimento de um pensamento crítico, comprometido com os direitos sociais, a democracia e a cidadania. (COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO, ECA-USP, 2019)

O periódico conta com temáticas específicas para cada edição, sempre dividida em editoriais como: artigos científicos nacionais, artigos internacionais, entrevistas, resenhas críticas, poesia, experiência, crítica e atividades em sala de aula. Para saber o estado da arte da música dentro deste universo, foram analisadas vinte e três revistas. Esta análise consistiu em categorizar cada revista pela temática principal da edição, e a leitura do resumo de todas as publicações, em sua totalidade. As que continham aspectos possíveis de serem enquadrados na abordagem musical foram separados e analisados integralmente conforme seu conteúdo, metodologia adotada, práticas possíveis e resultados, visando a intersecção entre as duas áreas que aqui se objetivam.

2.2. O Material Pesquisado

Com o intuito de superar a visão ultrapassada com que os meios de comunicação costumam ser tratados, a revista Comunicação & Educação:

[...] defende, para além da leitura crítica dos meios de comunicação, a busca de conhecimentos que permitam refletir sobre como nos apropriarmos das linguagens da comunicação para a produção de outras narrativas possíveis no âmbito da construção da democracia, da cidadania e do respeito aos direitos humanos. (COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO, ECA-USP, 2019)

Condizentemente com esta missão, foram analisadas vinte e três revistas, a partir do ano de 2009, até a primeira edição de 2019, totalizando 389 textos. Almeja-se aqui entender a presença da música associada à prática educacional, assim como refletir sobre a mesma. O presente trabalho justifica-se pela emergência das novas mídias e a necessidade de seu entendimento para a formação de uma nova pedagogia de aprendizagem-ensino musical, condizente com a realidade que o estudante se enquadra atualmente. A interface entre as novas mídias e educação musical tem recebido atenção

de educadores musicais, porém carece ainda de pesquisas continuadas. Segundo a pesquisadora e educadora musical Maura Penna:

Cabe a uma educação musical sintonizada com o mundo contemporâneo reconhecer e acolher a multiplicidade tanto de manifestações musicais, quanto de formas de experimentar a música na vida cotidiana, formas estas que têm se renovado com bastante rapidez nos últimos anos, inclusive em decorrência dos avanços tecnológicos e das novas mídias. (PENNA, 2012, p. 21)

Para diagnosticar a presença desta interrelação, foram categorizadas de acordo com o tema que norteia a edição, o número do volume, seu ano de publicação e o número da versão e por último a quantidade de textos em cada edição⁵, conforme a tabela abaixo:

Título	Volume	Ano/Versão	Textos
O cotidiano revelado na poesia de Adélia Prado	14	2009/1	19
Conflitos internacionais: o jornalismo de Kapuscinski	14	2009/2	19
Não consta título	14	2009/3	19
Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens docentes	15	2010/1	19
Comunicação e escola: pesquisando jovens professores	15	2010/2	19
Banda larga e TV Digital no Brasil	15	2010/3	19
Televisão e educação: Novos formatos, novos profissionais	16	2011/1	17
Meios públicos e alternativos para a democracia participativa	16	2011/2	18
Roland Barthes e o signo fotográfico	17	2012/1	17
Realmente precisamos de educação para os meios?	17	2012/2	18

⁵ Não foram considerados na contagem os textos do “Editorial” inicial, por caracterizarem uma explicação detalhada do tema escolhido pela comissão editorial.

Paradigmas interculturais e autogestão educativa	18	2013/1	17
Narrativas midiáticas e criação do herói no esporte	18	2013/2	17
C&E, vinte anos: uma trajetória para consolidar a Educomunicação no Brasil	19	2014/1	17
Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas	19	2014/2	17
Aprendizagens na era digital	20	2015/1	17
Os diversos significados da literacia tecnológica	20	2015/2	16
A formação de professores e desafios da comunicação	21	2016/1	17
Políticas públicas, televisão e infância: interfaces educacionais	21	2016/2	16
Mobilização, interfaces e diálogos educacionais	22	2017/1	15
Letramento e tecnologias da informação: mediações possíveis	22	2017/2	14
Democracia fake, jornalismo e educação	23	2018/1	14
Interfaces educacionais: ensino médio, jornalismo, relações públicas e outras conexões	23	2018/2	15
Expressões Educacionais: arte, rádio, fanzine e publicidade	24	2019/1	13

Tabela 1: Categorização das revistas analisadas (2009-2019).

Em um período de dez anos, concomitantemente com o avanço das pesquisas que relacionam as áreas de Comunicação e Educação, o desenvolvimento de tecnologias e formas de interação social foram demasiadamente assíduas, o que acabou por dificultar o estudo profundo de cada fenômeno. Ou seja, a tecnologia mudou o comportamento social em determinadas dimensões que as próprias ciências da comunicação e educação tardaram por diagnosticar, e quando formatadas hipóteses sobre seu funcionamento, possivelmente poderiam ser consideradas obsoletas. Por isso, conforme o passar do tempo, o empenho de instituições como a ECA-USP em promover

uma publicação semestral fez com que professores e pesquisadores do tema se mantivessem atentos às rápidas e intensas mudanças do meio pesquisado.

2.3. *Lapsos de Educação Musical encontrados*

A partir das revistas analisadas, evidencio neste subcapítulo, os textos que contém menções a abordagens de Educação Musical, ou possuem alguma relação direta com a música. Apenas três textos possuíam o tema, ou manifestações musicais em si, como elemento de intersecção à Educomunicação.

O primeiro faz parte da revista de número 15, de 2010, intitulada “Comunicação e escola: pesquisando jovens professores” (segunda versão). Dentro das editorias, está caracterizado como “Depoimento”, e não artigo científico, que tem por título “Música que forma cidadãos”. O conteúdo é uma descrição do trabalho social *Meninos do Morumbi*, onde o maestro e fundador do projeto Flávio Pimenta disserta sobre a história e trajetória da organização. A iniciativa atende mais de três mil crianças, sendo sua maioria oriunda de comunidades de baixa renda. Ao analisar o texto, percebe-se uma iniciativa potencialmente educacional, visto sua característica de atender jovens de áreas de vulnerabilidade social através da Educação Musical. Para além, alia a experiência de Pimenta como produtor musical, entendendo o mercado fonográfico e levando o grupo a experiências de palco com nomes relevantes da música nacional como Sandra de Sá, grupo Falamansa, Orquestra Jovem das Américas e Marcelo Bratke, garantindo o sentimento de pertença, conforme o depoimento.

No ano seguinte, em 2011, um texto mostra uma relação analítica da música, em específico o gênero funk carioca na cidade de Londres, Reino Unido, junto ao contexto cinematográfico brasileiro. O título é “Cultura jovem e identidade: as representações do funk carioca em Londres” e consta na revista de número 16, de 2011, sob o tema “Televisão e educação: novos formatos, novos profissionais”. O texto faz parte da editoria “Artigo Internacional”, e foi escrito pela pesquisadora Jamile Dalpiaz, que, depois de uma experiência de pesquisa na capital inglesa, teve contato com a mídia local e as diferentes manifestações culturais brasileiras que lá habitam.

O principal objetivo da pesquisa, segundo a autora, é analisar o fenômeno da música *funk*, criado no contexto das favelas do Rio de Janeiro, a partir das representações exibidas em Londres (DALPIAZ, 2011, p. 68). Uma em específico, no caso, que é o documentário “Sou feia mas tô na moda”, de Denise Garcia, que mostra a

trajetória de jovens cantoras do gênero desde o início, em trabalhos domésticos, até alcançarem representatividade internacional pela sua música. Considero este trabalho uma interessante forma de aproximação da realidade de determinados gêneros musicais e sua representação nas mídias nacionais e internacionais. Pode ser, portanto, um valioso instrumento para a prática educacional ao elucidar o gênero funk carioca, tão presente em meios de difusão comerciais e dentro das escolas entre estudantes. Contudo, não caracteriza uma prática que une a Educomunicação à Educação Musical especificamente, por mais que sua temática seja de total relevância e notabilidade.

O terceiro e último texto foi encontrado na revista de número 19 (primeira versão), de 2014, sob o tema “C&E, vinte anos: uma trajetória para consolidar a Educomunicação no Brasil”. O artigo enquadra-se na editoria “Crítica”, e tem como título “Comunicação, educação, práticas de consumo e cidadania: em perspectiva o rap da periferia paulistana”. A autoria é de Fernanda Elouise Budag, Rosilene Moraes Alves e Antônio Helio Junqueira. Aqui, o objeto de estudo a ser problematizado é o rap, um dos pilares do hip hop, enquanto cultura popular urbana, e os discursos presentes em suas narrativas, neste caso, as letras de música de um conjunto em específico. O grupo escolhido foi o Racionais MC’s, um dos mais reconhecidos nomes do gênero no Brasil. Os autores analisaram músicas de três álbuns da discografia da banda, que caracterizaram como os mais importantes, são eles: *Holocausto urbano* (1990), *Sobrevivendo no inferno* (1997) e *Nada como um dia após o outro* (2002).

A relevância do tema é perceptível à medida que os autores dialogam com a análise do discurso que explicita a realidade social da periferia nas letras do grupo e o impacto em seu entorno, sob a ótica de autores como Douglas Kellner e Paulo Freire. Cabe aqui ressaltar a importância da criticidade em torno do material analisado, mostrando o reflexo cultural de determinado nicho social, neste caso, das áreas suburbanas da capital paulista. Porém, ainda assim, não se enquadra como prática de Educação Musical sob a perspectiva educacional.

Tendo em vista os três textos relatados acima, é perceptível a carência de pesquisas e relatos na área de ações musicais que integrem a Educomunicação na sua prática. Evidentemente, não é pelo fato de não constarem no periódico Comunicação & Educação que não haja iniciativas deste tipo em outros lugares do país. Mas aqui conclui-se pela análise que toma pouco ou restrito espaço em publicações relevantes da área, como a revista analisada.

3. A Musicalidade crítica

Diante do panorama exposto acima, não cabe neste trabalho demonstrar as diferentes formas de integração entre pedagogias musicais e práticas educomunicativas, mas sim, fazer ciente a capacidade de dialogicidade das duas áreas.

Um dos aportes teóricos que embasam esta afirmação, é o conceito de “Musicalidade Crítica”, da educadora musical britânica Lucy Green. A abordagem incorpora elementos cruciais da Educomunicação como a alfabetização crítica, o funcionamento da indústria e produção fonográfica, como também os suportes midiáticos pelos quais a música é difundida, estimulando o crescimento do sentido de pertencimento social do estudante, esteja ele dentro do processo de aprendizagem formal ou não-formal. Tais elementos, se incorporados a outros preceitos provindos da práxis educomunicativa podem ser de grande valia para iniciativas que dialogam com Comunicação, Educação e Música.

Segundo Lucy Green, o conceito de apreciação musical tende, diante de razões históricas, a ter uma conotação que impõe um gosto superior, complexo e autônomo por música clássica. O termo “Musicalidade Crítica” entra neste panorama não para corroborar com o estigma elitista do “bom gosto”, mas sim o intuito questionador sobre o que está se ouvindo, e por qual razão. Tal criticidade pode ser suscitada em relação a qualquer gênero musical e, como ressalta a autora, é ainda mais proeminente na música popular. No artigo, Green coloca que a “Musicalidade Crítica” está relacionada a conceitos de “alfabetização crítica”, “pedagogia crítica” ou “pedagogia transformadora” e outros termos que estão associados particularmente ao trabalho de Paulo Freire, e que foram desenvolvidos por vários estudiosos do processo de ensino-aprendizagem.

Uma referência pertinente é a que Lucy Green cita David Buckingham. No campo dos Estudos de Mídia, a interpretação de Buckingham do conceito de “Alfabetização crítica”, resumidamente, inclui a necessidade de auxiliar os estudantes a observar criticamente ao conteúdo visual, audiovisual e digital, tão como os veículos impressos. O autor argumenta que devemos “confrontar” as tecnologias contemporâneas e a cultura midiática com educação para as mesmas, ao invés de tentar contorná-las. Somente auxiliando-os a contestar e analisar o conteúdo provindo dos meios temos a chance de ajudar a desenvolver estudantes mais críticos em relação às informações subjacentes que eles recebem.

Green menciona que o conceito de “Musicalidade Crítica” inclui a ideia de que toda música pode ser ouvida mais ou menos analiticamente, com mais ou menos compreensão. Ou seja, mesmo sem uma compreensão formal do conteúdo musical (forma, dinâmica, expressão, diferenças timbrísticas, etc), os estudantes são capazes de ouvir criticamente elementos que são caracterizados como relevantes para o aprendizado musical. Segundo a autora:

[...] a concepção de ‘musicalidade crítica’ inclui a ideia que *toda* música pode ser ouvida mais ou menos analiticamente, com mais ou menos entendimento. Por um lado, isso envolveria o aumento da compreensão e apreciação musical aural em relação às propriedades e relações musicais inter-sonoras. Por outro lado, qualquer aumento desse tipo também poderia levar a uma maior conscientização de como funciona a indústria da música. (GREEN, 2008, p.84)

No processo de formação do músico popular (que não atendeu às aulas tradicionais de um ensino de música escolar ou conservatorial), o senso crítico sobre o que está se ouvindo nas diferentes plataformas mediáticas (rádio, televisão, internet, serviços de streaming) pode aflorar-se em vários níveis e sentidos, principalmente quando o estudante conhece afundo os mecanismos de produção em massa e a forma que a mesma pode alterar a performance ou o produto final do artista. No capítulo “*Music Appreciation and the development of ‘critical musicality’*”, a autora cita depoimentos de alunos que perceberam várias camadas de instrumentos simultaneamente, mesmo não sabendo com precisão a definição timbrística ou a altura do mesmo, e de quando o artista que gostavam usava “playback” para dublar a música, entre outras formas que não são legítimas do que se espera de uma performance ao vivo.

Em resumo, a fundamentação teórica da “Musicalidade Crítica” postulada por Lucy Green define com clareza uma forma diferente de apreciação musical. Os princípios norteadores se relacionam diretamente com os pilares epistemológicos da Educomunicação, promovendo um ecossistema de ensino-aprendizagem horizontal e dialógico obstante à visão tecnicista, vertical e hierárquica. A educadora afirma que “devemos invocar a noção de ‘Musicalidade Crítica’ como um objetivo educacional, e endereçar à própria música dos estudantes tão como a qualquer outra” (GREEN, 2008, p.14). Como resume Green:

Musicalidade crítica significa simplesmente estar apto a ouvir música mais atentamente e sabiamente; escutando mais partes sincrônicas

e/ou relações diacrônicas dentro dela; estando mais atento em como ela foi produzida; e tendo uma reação mais informada, perceptiva e menos alienada e tendenciosa a seu significado, tanto inter-sonoro quanto delineado⁶. (GREEN, 2008, p. 91)

Considerações finais

Com pouco mais de vinte anos de consolidação como área de conhecimento, a Educomunicação continua gradativamente agregando pesquisadores, profissionais, educadores e entusiastas em suas práticas e pesquisas. Diferentes áreas podem vir a estabelecer diálogos que resultem em iniciativas positivas para ambos os lados. Contudo, no caso da Educação Musical, esta relação ainda carece de pesquisa e não toma espaço relevante em publicações acadêmicas, tendo em vista os últimos dez anos da revista *Comunicação & Educação* analisados neste artigo.

Parte da reflexão a que este artigo se propõe tem relação direta com as diretrizes ineficazes quanto a regularização do ensino de música dentro do ambiente formal, por exemplo. A escola depende de iniciativas de professores que tenham certo envolvimento com a área específica, e ficam restritas aos períodos de contraturno escolar. Para suscitar uma interrelação possível entre Educomunicação e Educação Musical, é necessária crítica e reflexão sobre o ensino tecnicista proposto pela BNCC. Sua implementação atualmente tende a promover uma postura conteudista e não dialógica, aspectos que vão na contramão do proferido por pensadores aqui citados como Paulo Freire e Lucy Green.

Segundo o educador Paulo Freire, para a educação ser válida, ela deve ser precedida de uma reflexão sobre o ser humano e seu meio, pois este “se constrói e chega a ser sujeito à medida que, integrado em seu contexto, reflete sobre o que ele modifica” (FREIRE, 2007, p. 22). A tendência postulada por Freire deverá superar a relação opressor-oprimido com uma educação problematizadora e crítica. Neste caso, a relação professor-aluno é horizontal e não imposta, com o intuito de que o educando e o educador possam trocar os papéis. No que tange à educação atualmente, são várias as nuances encontradas na sala de aula, como explica Adilson Citelli:

As novas linguagens em suas múltiplas tessituras sígnicas; as lógicas geradas por conceitos de ensino-aprendizagem que escapam à tradição

⁶ A conceituação de ‘Significado Intersonoro’ e ‘Significado Deliancado Inerente’ está presente na obra “*Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy*”, da autora Lucy Green (2008, p. 97).

quase única do enciclopedismo ainda em vigência nas escolas; as sociabilidades marcadas, hoje, por outros modos de ver, sentir e compreender, surgidas com a informática; o reconhecimento de que existem distintas maneiras de aprender e dimensionar as relações espaço-temporais, assim como a possibilidade de exercitar lógicas não necessariamente sequenciais, lineares ou baseadas em sistemas explicativos por demais fechados. [...] o que se espera do novo desenho educativo formal é o compromisso com um ensino em diálogo crítico com as realidades comunicacionais e tecnológicas, preocupado em fazer o aluno aprender a aprender. (CITELLI, 2009, p. 155-156).

O estado da arte dos projetos e pesquisas que promovem um diálogo direto entre os campos ainda se demonstra incipiente, porém, de uma notável proficiência. Ao adentrar-se na fundamentação teórica e nos pilares epistemológicos de ambas as áreas, o pesquisador pode encontrar aspectos comuns às duas vertentes, que dão margem a interrelação de práticas de educação musical sob a perspectiva da Educomunicação. E, ao desenvolver esta capacidade de transdisciplinaridade, promover ações a fim de valorizar a gestão participativa do indivíduo perante a sociedade, tão como seu desenvolvimento educacional, artístico e musical.

Referências Bibliográficas:

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias Eletrônicas**. 2000. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Editora Loyola, São Paulo, Brasil, 2007.

BUDAG, F., Marcelino, R., & Junqueira, A. Comunicação, educação, práticas de consumo e cidadania: em perspectiva o rap da periferia paulistana / Communication, education, consumption practices and citizenship: focusing on the rap from the outskirts of São Paulo. **Comunicação & Educação**, 19(1), 93-102, São Paulo, 2014.

CITELLI, Adílson. Comunicação/Educação: Situações. In: BACCEGA, Maria C; COSTA, Castilho (Orgs). **Gestão da comunicação: epistemologia e pesquisa teórica**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

DALPIAZ, J. Cultura jovem e identidade: as representações do funk carioca em Londres. **Comunicação & Educação**, 16(1), 67-76. São Paulo, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GREEN, Lucy. **Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy**. England, Ashgate Publishing Limited, 2008.

MATIERO, Teresa e ILARI, Beatriz (Org). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

PIMENTA, F. Música que forma cidadãos. **Comunicação & Educação**, 15(2), 105-113. São Paulo, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira, “Caminhos Cruzados X Caminhos Integrados: o dilema da ECA/USP e a emergência da Educomunicação, in KUNSCH, Margarida & FIGARO, Roseli (Orgs.). **Comunicação e Educação, Caminhos integrados para um mundo em transformação**. São Paulo, Coleção Congressos da Intercom, 2017, pg. 41-54. ISBN 978-85-8208-103-Acesso: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/livro-comunicacao-e-educacao.pdf> .